



EDITORIAL

EDITORIAL

Cá estamos com mais um número da nossa *História da Historiografia*. Como já foi dito em editoriais anteriores, continuamos vivendo em tempos não muito alvissareiros para a ciência e a democracia em terras brasileiras. O governo em exercício continua com sua perversa política de desmantelamento das instituições de fomento e das universidades, sempre escudado pelo argumento da necessidade de “austeridade”, enquanto seu ministro da Educação buscou, através de declarações desastradas e bastante autoritárias, intimidar docentes envolvidos/as com cursos críticos sobre o *impeachment* (ou seria golpe de Estado?) de 2016 que começam a surgir no horizonte universitário nacional. Ainda que, frente à forte resistência pública e política aos seus atos, o ministro tenha recuado em suas pretensões censoras, continuamos sob o risco permanente de outro ataque às universidades e, em especial, às Humanidades, visto que amplos setores da sociedade brasileiras parecem vê-las com desdém e ódio – não precisamos aqui lembrar do triste fenômeno do Escola sem Partido, já mencionado no editorial do número anterior de nossa revista, e da ressonância que infundadas acusações de “doutrinação” encontram em páginas de diários e semanários locais, por exemplo. E, como se não bastasse a dose diária de tragédias fornecida pela conjuntura atual, testemunhamos, pávidos e horrorizados, a execução de Marielle Franco (presente!), mulher, negra, lésbica e a quinta vereadora mais votada na cidade do Rio de Janeiro, em pleno Centro de sua cidade (que, lembremos, é palco de uma intervenção militar oportunista e brutal). Diante de tudo isso, como perseverar?

Ainda assim, lutar é preciso. Talvez como uma prova da resiliência necessária àqueles e àquelas envolvidas com Ciência e com a defesa dos últimos resquícios de democracia em nosso país, a *História da Historiografia* apresenta aos seus leitores e leitoras seu número 26. Essa edição traz textos que perpassam diversos assuntos, contextos e marcos temporais, em uma demonstração da riqueza e vivacidade dos estudos sobre teoria da história e história da historiografia globo afora, a despeito (ou talvez por causa deles!) de nossos tempos sombrios.

Começamos a edição com o texto de Camila Condilo sobre mito e história nas *Histórias* de Heródoto, seguido do artigo de Dmitri Starostin que trata das metanarrativas historiográficas sobre o Império Carolíngio. Da Antiguidade e o medievo, passamos para a Ilustração e os Oitocentos, com as contribuições de André Araújo sobre as edições europeias da História Universal inglesa do século XVIII e de Evandro Santos acerca das figurações do historiador oitocentista na obra do português Alexandre Herculano. Seguem-se, então, mais cinco artigos: o de Jaime Fernando Santos Jr., sobre a emergência do conceito moderno de revolução a partir das experiências revolucionárias inglesa e francesa; os textos de Jocelito Zalla e Felipe Leão de Oliveira, sobre a edição póstuma da *Terra Gaúcha* de Simões Lopes Neto e do diálogo entre o antropólogo Marshall Sahlins e a História, respectivamente; e, finalmente, as contribuições de Rodrigo Perez de Oliveira sobre o engajamento político e epistemológico dos historiadores brasileiros nos anos da redemocratização e de Ana Carolina Monay sobre trauma, perplexidade e esperança em *Não Verás País Nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão. Do mesmo modo, a edição traz ainda três resenhas e é fechada pela tradução de um texto seminal de Hans Blumenberg, realizada por Luiz Costa Lima.

Nesta edição, temos também o prazer de apresentar o novo projeto gráfico da revista, elaborado por Marianna Andrade Melo, a quem agradecemos imensamente pelo trabalho. Nossa intenção não foi somente modernizar o aspecto visual da História da Historiografia, mas também tornar a leitura dos artigos mais prazerosa e eficaz para nossos leitores e leitoras.

Desejamos, assim, a todos e a todas uma ótima leitura, com a esperança de que dias melhores despontem no horizonte, mesmo que, diante de tudo que já foi dito aqui, isso se assemelhe a um trabalho digno de Sísifo e que os cumes de nossas montanhas pareçam cada vez mais distantes. Mas, como já escreveu Albert Camus durante a meia-noite do século passado, ainda assim é necessário “imaginar Sísifo feliz”.

Os Editores

Boa leitura!